



CARNAVAL

Terreno fértil para espalhar o vírus

Aglomerções durante o período carnavalesco desafiam proibições e podem levar ao aumento dos casos de covid-19

» GABRIELA BERNARDES*

Jorge Hely/Estadão Conteúdo



Há apenas três semanas, o Brasil registrava um recorde assombroso: 1.041 mortes por covid-19 e 298.408 novos casos diagnosticados em apenas 24 horas. Diversos estados passaram a retomar ou adotar novas medidas de restrição para aglomerações diante do aumento dos casos. No último final de semana, porém, o que se viu pelas ruas não condizia com a situação da pandemia: em todo o país, os badalados desfiles das escolas de samba e até mesmo os bloquinhos de rua reuniram milhares de pessoas.

No Rio de Janeiro, mesmo proibidos pela prefeitura, vários blocos tomaram as ruas da capital fluminense. Milhares de pessoas se reuniram para desfilar na Região Central e na Zona Portuária da cidade. Em nota, a fiscalização municipal afirmou que ao menos oito blocos foram interrompidos no final de semana.

Em Salvador — outra cidade reconhecida por suas comemorações nesta data —, a suspensão do carnaval de rua não foi suficiente para deixar parte dos foliões em casa. Já na capital de São Paulo, as escolas de samba paulistanas fecharam ruas para ensaiarem e desfilar sem autorização. Os desfiles foram adiados pela prefeitura do município, por causa do avanço da variante ômicron.

Para o médico Renato Kalil, professor titular da Universidade de São Paulo (USP) e diretor do InCor e do Hospital Sírio Libanês, o cenário epidemiológico mostrava que não era o momento para esse tipo de comemoração. “É uma temeridade imaginar que pudéssemos ter festas e aglomerações diante de um quadro que ainda exige a observância ao distanciamento e o uso de máscara,

inclusive para evitar a disseminação da variante ômicron”, disse.

“Mesmo com o avanço da vacinação entre nós, é preciso lembrar que a pandemia é mundial e atravessa fronteiras. Temos hoje a variante ômicron, que chama atenção por sua alta capacidade de mutação. Os vírus são agentes que podem ser altamente mutagênicos, ou seja, têm a capacidade de sofrer modificações em sua estrutura para enganar o sistema de defesa da pessoa infectada”, explicou. “O Brasil não tem condições de passar por mais uma onda de mortes, internações e miséria”, completou o médico.

Fiscalização

Visando inibir as aglomerações diante do avanço da ômicron, muitos governos e autoridades municipais decidiram adotar uma série de medidas e calendários diferenciados no período festivo. Atravessando a região Nordeste, Bahia, Pernambuco, Rio Grande do Norte, Ceará, Paraíba, Sergipe e Piauí suspenderam o ponto facultativo e recomendaram jornadas de trabalho normais a fim de evitar badalações e exposições aos riscos das aglomerações.

As restrições, no entanto, não impediram os foliões de se reunirem, e as autoridades reforçaram

a fiscalização. No Distrito Federal, a preocupação fez com que o governo anunciasse uma força-tarefa para impedir as festas. Na última sexta-feira, primeiro dia de ação, a equipe fiscalizou 148 estabelecimentos, interditou nove e multou 11 por desrespeito aos protocolos. No sábado, foram 25 interdições e 63 multas. “Medidas como estas contribuem significativamente para que não se repita o que aconteceu nas festas de final de ano, quando o país enfrentou um novo surto de covid juntamente com uma explosão de casos de gripe, pressionando consideravelmente as redes pública



É uma temeridade imaginar que pudéssemos ter festas e aglomerações diante de um quadro que ainda exige distanciamento e uso de máscara”

Roberto Kalil,
diretor do Hospital Sírio-Libanês

e privada de saúde”, destacou a médica infectologista do Grupo Sabin Luciana Campos.

Em Salvador, onde acontece um dos maiores carnavais do país, a fiscalização começou na quarta-feira passada. De acordo com dados da prefeitura, entre 23 e 27 de fevereiro, foram feitas quase 2.500 vistorias. A prefeitura da capital baiana colocou equipes nas ruas da cidade para evitar aglomerações durante o carnaval.

Com mais de 72% da população completamente vacinada, segundo o Ministério da Saúde, o Brasil atingiu a marca de 380 milhões de vacinas aplicadas. Além disso, até agora, mais de 50 milhões de pessoas tomaram a dose de reforço. “A boa cobertura vacinal se refletiu em um reduzido número de internações, em meio a uma explosão de casos. Hoje, sabemos que a vacina é a melhor escolha para nos protegemos e proteger também as pessoas que amamos”, afirma a médica.

A especialista também observa a importância da testagem da população para controle epidemiológico e manejo de pacientes. “A partir da testagem, obtemos um panorama melhor do comportamento da pandemia, possibilitando intervenções mais assertivas. Se há uma incidência elevada da doença, há a alta demanda de exames laboratoriais para o diagnóstico da covid-19 e, conseqüentemente, uma preocupação com a quantidade de insumos para a realização desses exames. Fatores como estes nos mostram que é fundamental que todos se vacinem e, se possível, evitem aglomerações até mesmo nas celebrações como o carnaval”, concluiu.

LEIA MAIS na página 13

TURISMO

Brasil fora da rota dos viajantes

» GABRIELA CHABALGOITY*

Carlton Lee Jones, 26 anos, é da Flórida, Estados Unidos, e adora viajar para o Brasil. “Já fui cinco vezes nos últimos anos. É um lugar seguro para viajar, até porque existe a parte negativa em todos os lados do mundo. Na minha opinião, o turismo brasileiro é interessante, tirando a parte dos buracos das ruas e a distância do aeroporto das cidades pequenas”, disse o morador de Fort Lauderdale. No entanto, a apreciação não é a mesma para todos os viajantes estrangeiros. Pelo menos é o que dizem os números.

Relatório da Organização Mundial do Turismo (OMT), ligado à Organização das Nações Unidas (ONU), aponta que, entre 2000 e 2019, o fluxo de turistas no mundo aumentou 117,5%, saltando de 673 milhões para 1,5 bilhão de pessoas. No Brasil, porém, o avanço foi de apenas 19,6% no mesmo período: de 5,3 milhões para 6,4 milhões ao longo de 19 anos.

Com a chegada da pandemia, a situação piorou. Levantamento da Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turismo

(CNC) mostra que o turismo foi o setor mais afetado durante a crise sanitária no Brasil. De acordo com a entidade, os gastos de turistas no país caíram 49% em 2020. De R\$ 6 bilhões em 2019, o montante diminuiu para R\$ 3 bilhões em 2020.

Ao **Correio**, o Ministério do Turismo informou que o Brasil recebe, anualmente, mais de 6 milhões de turistas estrangeiros. “Em 2020, como reflexo da pandemia, as chegadas de turistas internacionais caiu 66%, passando de 6,3 milhões em 2019 para 2,1 milhões em 2020. Ou seja, o Brasil deixou de receber 4 milhões de turistas por causa da pandemia.

A Argentina continuou sendo o principal país emissor (887,8 mil — cerca de 41% do total), seguida dos EUA (172,1 mil), Chile (131,1 mil) e Paraguai (122,9 mil)”, informou a pasta, por meio de nota.

“O estado de São Paulo continuou sendo o principal portão de entrada de turistas internacionais no Brasil, com representatividade de 29,5%. O Rio de Janeiro passou a ser o terceiro principal portão, com 17,6%, cedendo o segundo lugar para o Rio Grande do Sul, com 23,3%”, completou.

Riotur/Divulgação



Helena Costa, professora do departamento de Administração da Universidade de Brasília (UnB) e coordenadora do Laboratório de Estudos em Turismo e Sustentabilidade da instituição, observa que o Brasil não integra grandes fluxos globais de turismo. “Basicamente, é centrado na América do Sul. Ao olhar dados divulgados pelo Ministério da Economia em 2021, a maior parte dos turistas estrangeiros vem de países fronteiriços com

o Brasil, com destaque para a Argentina”, explicou.

Segundo a especialista, é preciso compreender esse cenário para trabalhar os mercados que têm maior potencial. “Principalmente os latino-americanos, em uma visão mais expandida. Claro, há dificuldade em trazer um fluxo expressivo de turistas da Oceania, África e Ásia, até mesmo por questões logísticas, porque é longe. Mas, obviamente, o Brasil precisa alavancar o seu

turismo ao redor do que tem de mais único para ofertar, como a biodiversidade”, sugeriu.

Helena destaca que a pandemia prejudicou muito o fluxo turístico no país, seja o relacionado à entrada de estrangeiros (turismo receptivo) ou à saída dos nativos (turismo emissor) rumo a outros países. De acordo com dados do Banco Central, os gastos de brasileiros no exterior somaram US\$ 5,25 bilhões em 2021, uma queda de 2,7% ante 2020,

Rio caiu da segunda para a terceira posição como porta de entrada de turistas no país

quando o valor somou US\$ 5,394 bilhões. O desempenho foi o menor desde 2005, ano em que os brasileiros gastaram US\$ 4,720 bilhões. “Então, somando a pandemia mais a desvalorização do real e o custo da viagem internacional, não está podendo viajar para fora”, disse a especialista.

Recuperação

“O ano 2022 será de certa recuperação para as operações de turismo, mas não de recuperação total, porque ainda estamos conhecendo as repercussões das novas variantes da covid-19 e seus picos”, disse a professora Helena Costa.

A Organização Mundial do Turismo diz que para uma recuperação efetiva do turismo no mundo inteiro, deve haver uma implantação rápida e mais ampla da vacinação. “A chegada de turistas internacionais poderá crescer de 30% a 78% este ano, em comparação com 2021”, completou a OMT.

* Estagiárias sob a supervisão de Odail Figueiredo